



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

Fundado pela Liga dos Interesses Gerais de Espinho | Director, Editor e Proprietário | ADMINISTRADOR AMÉRICO FERNANDES DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO = Rua 19 n.º 62 = ESPINHO | Benjamin da Costa Dias | Comp. e imp. na TIP. ESPINHENSE = R. 33 = ESPINHO

PELA PÁTRIA

POR ESPINHO

Série IV Ano XII

N.º 605

Domingo, 31 de Outubro de 1943

(Avençado)

Visado pela Comissão de Censura

A ALIANÇA E O ESPÍRITO

Com este mesmo título publicou o sr. Fernando de Aguiar um brilhante artigo nas *Novidades*, de 19 do corrente, artigo que merece ser lido e meditado pelos portugueses no momento em que a velha aliança anglo-lusa foi, mais uma vez, posta em jôgo, a bem duma causa de humanidade, com a cedência das bases dos Açores para a luta contra a guerra submarina.

Datando de 1373, essa aliança não se «mumificou» — se é lícito empregar este termo — mas antes revive e refulge em tôdas as crises da história dos dois países, que fizeram a sua vida e desenvolveram a sua acção por caminhos paralelos e, mais ou menos, com o mesmo sonho imperialista e, simultaneamente, civilizador.

Quando era facultada à imprensa a sóbria e clara nota do Governo Português, as agências noticiosas transmitiam a declaração do Primeiro Ministro britânico na Câmara dos Comuns, declaração feita no mesmo dia.

Não é sem legítimo orgulho que os portugueses leram essas palavras do grande estadista e condutor de homens. Que gentileza, que sentimento de certa ternura representam, as palavras de Churchill para a velha aliada que, nesse longínquo ano, ajustou com a Inglaterra aceitar a partir dêsse dia e dali para o futuro «verdadeiras, leais, constantes, mútuas e perpétuas amizades, união, aliança e necessidades de afecto sincero».

«Este compromisso dura há mais de 600 anos e o facto não tem paralelo na história do mundo» — acrescentou Churchill.

Na verdade assim é, porque a aliança não correspondeu a egoísmos ou apetites de conquista nem veleidades de prejuízos para terceiros. Foi uma aliança de espírito, em que os dois povos se comprometeram, não a atacar, conjuntamente, o inimigo de um deles, mas para se auxiliarem mutuamente e mutuamente se sustentarem, no mar e em terra «contra todos os homens até a morte».

Esta luta já dura há muito. Se, como Churchill confessou nobremente, o nosso Governo «nunca vacilou» nas horas mais sombrias da guerra, em se manter ao lado da sua velha aliada — também a Grã-Bretanha nada exigiu de Portugal que pudesse prejudicar a neutralidade dêsse.

Agora, porém, as circunstâncias exigiam o nosso auxílio, não para combater o inimigo da Grã-Bretanha, mas para ajudar esta e os seus aliados a defender-se dos ataques dos submarinos cuja intensificação se anunciou.

As bases donde operavam e operam a aviação e a marinha de guerra dos aliados na protecção aos comboios eram bastantes. Mas, lançando-se um golpe de vista para o mapa logo se observa que, depois da ocupação do Norte de África e da abertura do caminho do Mediterrâneo, — de tamanha importância para o prosseguimento da guerra no continente europeu — só as bases dos Açores podem proteger a navegação nessa rota vital.

Por isso a Inglaterra, no pleno uso de um direito que nós lhe conferimos, pediu-as. Cedendo-as, o Governo Português cumpriu um dever e adquiriu jús a algumas compensações tão necessárias no momento que atravessamos.

Além disso, também nós, portugueses, temos interesse em conservar livres as rotas marítimas das nossas colónias. A defesa e protecção delas é, para nós, também de extrema importância.

Mas, acima de tôdas estas considerações, brilha a essência desta aliança.

Como escreve o articulista das *Novidades*:

«Churchill falou, e falou para, da nobre tribuna dos Comuns, dizer ao mundo, realfirmando-nos, do sentimento de profunda simpatia e amizade que mutuamente nos prendem ligando a *Merry England*, de coração doce e riqueza de caracter ao velho Portugal, cruzado veterano da Europa, forte nas suas virtudes espirituais».

Prato de Sardinhas

Carta a um Jornalista

Sr. Octavio Sergio:

No «Jornal de Noticias» da ultima quinta-feira a sua sensibilidade de artista pôs em destaque, com o costumeiro brilho de tôdas as suas crónicas, a figura do escultor Manuel Martins — essa pobre rapaz cheio de talento e de desventura com quem acamara-dei também nos tempos da nossa afastada mocidade.

No número anterior dêsse modesto semanário e neste modesto «Prato de Sardinhas», já eu tinha trazido igualmente a terreiro o nome do nosso desventurado amigo, e quero confe-sar-lhe que embora o culasse conjuntamente com outros nomes de companheiros desaparecidos, como ele, na voragem da morte, senti, ao escrever-lhe o nome, uma ternura diferente, uma saudade diferente, e até uma amargura diferente.

Manuel Martins foi um dos meus companheiros mais queridos, para quem mantive sempre abertas de par em par as portas do meu coração.

Calculávamos centenas de vezes, de braço dado, as ruas que ligam o Porto a Gaia, e muitas vezes acontecia desportar a manhã e andarmos ainda os dois pela Serra do Pilar, atheados do tempo, a discutir, a procurar dar relevo e nitidez às ideias que punham em brasa as nossas sensibilidades de sonhadores impenitentes.

Manuel Martins era como V. diz um conversador admirável, espontâneo e gracioso. Encantava ouvi-lo. Qualquer pequeno episódio descolado ganhava na sua maneira linda de dizer cambiantes de arco iris ou de roseiral pujante.

Ele mesmo afirmava muitas vezes que tinha errado a sua vocação artistica. Os seus dedos eram mais ágeis e docéis conduzindo a pena do que modelando o barro. As suas curvas eram admiráveis monumentos de ideias e de ternura, e algumas vezes escreveu para os semanários de Gaia artigos em que a beleza dos conceitos e a elegância da forma causavam a admiração sincera que só se dispensava aos mestres.

Lembro-me dum conto seu, publicado não sei em que gazeta da época, intitulado «A morte do Manoelito», e estou a vê-lo ainda, de melancólicas e de pupilas húmidas, quando me teu pela primeira vez a deliciosa história dum rapazinho que morreu com os belos olhos postos na vida que lhe fugia, enquanto que, zeas gargantas das serras, — desciam em bando os lobos esfomeados.

Pobre Manuel Martins!

Neste tempo de egoísmos sem conta nem medida, é consolador vêr que ainda ha quem se lembre daquelles que, na sua desgraça, dizaram na vida alguma coisa de belo, de superior, de indestrutível.

O Sr. Octavio Sergio retribuiu a figura requintadamente intelectual de Manuel Martins, pode dizer-se que teve a coragem moral de desenterrar um diamante culto pela insensibilidade e pelo materialismo duma geração.

E por isso lhe fico imensamente grato.

João da Moura Mar

PARA HISTÓRIA DE ESPINHO

NARRATIVAS E DOCUMENTOS

11

PELAS investigações a que procedemos, as quais são corroboradas pelo antigo banheiro sr. Francisco de Pinho Faustino e pelo negociante sr. Narciso André de Lima (irmão do falecido P. e António André de Lima), — duas das pessoas mais antigas de Espinho — chegamos á seguinte conclusão a respeito da primitiva Capela de N.ª S.ª da Ajuda:

Em época que não pudemos precisar mas que deve andar próximo do ano de 1800, vieram para Espinho, que então era um pequeno aglomerado de palheiros habitados por pescadores, alguns cidadãos galegos, que se dedicavam á salga da sardinha e á sua exportação. Esses galegos, de quem são descendentes os espinhenses de apelidos Esteves Galego — uns que vivem em Espinho e outros disseminados por vários centros piscatórios, — mandaram construir, no centro do local que mais tarde foi o largo de N.ª S.ª d'Ajuda, que o mar acabou de destruir em 1910, uma pequena capela de pedra sob a invocação de N.ª S.ª da Ajuda. Nessa capelinha, cuja fotografia hoje, novamente inserimos, se resou missa pela primeira vez em 1808, segundo os documentos do P. e André de Lima.

Os altares e imagens vieram do extinto convento de Santo António de Vale Piedade, Gaia, que tinha sido demolido para edificação de armazens de vinhos.

Mais tarde, como a população fôsse aumentado, sensivelmente, e a capela se tornasse demasiado acanhada, os habitantes de Espinho resolveram construir uma capela maior.

Constituiu-se uma comissão para esse fim, da qual era elemento preponderante José de Pinho Faustino, pai do sr. Francisco Faustino e avô do actual vereador da Câmara sr. José de Pinho Faustino, e de que fazia também parte Manuel André de Lima, pai do finado P. e André de Lima e do sr. Narciso André de Lima.

Iniciada a construção da nova capela, no extremo norte-poente do amplo largo de N.ª S.ª da Ajuda, as obras arrastavam-se, por falta de recursos, estando bastante tempo paralizadas.

Frequentava já então a nossa praia, entre outras famílias distintas, a família do rico exportador de vinhos Francisco Cardoso Valente, de Vila Nova de Gaia, pai do dr. João Car-



A primitiva Capela de Nossa Senhora da Ajuda
fotografia tirada em 1895
(cedida pelo sr. Henrique Teixeira Brandão)

so Valente, mais tarde conde da Ta-
boeira, o qual, tendo uma pessoa de
família doente, a instancias do velho
José Faustino, prometeu que acabaria
a capela-se a doente melhorasse.
Assim acontecendo, foi o novo templo
inaugurado em 1883, o qual passou á
categoria, de igreja parochial em Maio
de 1889, por determinação do Cardeal
D. Américo, Bispo do Porto.

Para os adornos e recheio da nova
capela concorreram os principais proprietários da época, tendo a Companhia
dos Ferreirinhas, que então existia,
oferecido a imagem do Senhor dos
Aflitos, que hoje se encontra na
Capela de Santa Maria Maior, e oferecendo o baptistério e um dos
púlpitos o já referido Manuel André de
Lima.

Segundo se lê no «Dicionário Cronológico de Portugal Continental e Insular», de Américo Costa, no mesmo ano em que foi inaugurada a Capela de N.ª S.ª d'Ajuda (1883) foi construída a Capela de Santa Maria Maior, na Avenida da Graçiosa.

Esta capela construiu-se por iniciativa de algumas distintas famílias de banhistas, entre as quais as nobres famílias do Marquez da Graçiosa, Condessa da Foz de Aronçes, Conde de Correia Leal.

A capela e depois Igreja de N.ª S.ª d'Ajuda, ou seja a segunda que se erigiu sob esta invocação, ampla e desempenada, sofreu varias mutilações (na capela mor) devido ás investidas do mar, tendo-se construído fortes paliçadas para a proteger da fúria do Oceano.

Em 1904, este voltou a investir com grande violência, destruindo a paliçada, e a igreja e no dia 20 de Dezembro a sua torre, que se erguia altaneira do lado nascente, já despojada dos bronzes sinos, tombara, fragorosamente, ante a população triste e emocionada.

(Continua)

Benjamin Dias.

Dia de Finados

E' depois de amanhã, 2 de Novembro, o dia consagrado aos mortos.

Como de costume, os cemitérios serão juncados de flores que traduzem a saudade dos vivos pelos que debaixo da louza branca ou simplesmente cobertos com a terra fria, dormem o sono eterno, indiferentes ás misérias dêsse mundo vil.

E lá irão, em piedosa romagem, parentes e amigos, orvalhar com as suas lágrimas essas flores de saú lade sobre as quais desaparecem as sepulturas mais diferentes.

Dia de Finados, dia de recolhimento e de paz, de oração e de saú lade!...

Vinhos Borges & Irmão

Depositário em Espinho

Viuva de Joaquim Cardoso de Sá
Rua 16-N.º 477-Telef. 26-E.

Pagamento de assinaturas

O nosso prezado contrattante sr. Carlos Especial, que acaba de se fixar em Lisboa, enviou-nos a importância de 26\$00 para pagamento de um ano de assinatura do nosso jornal.

—Do nosso estimado assinante sr. Ernesto Acácio Fernandes, ausente em Ermida — Vale do Co. go — recebemb; igual importância para o mesmo fim.

Agradecidos.

FARMACIAS

De serviço, hoje:

Grande Farmácia de Espinho

Durante a semana:

2.ª-feira — Farmácia Teixeira
3.ª » — » Central
4.ª » — » Santos, Suer.
5.ª » — » Paiva
6.ª » — » Higienos
Sábado — G. Farmácia de Espinho

LÊDE E PROPAGANDA
«Defesa de Espinho»

Do eimo da "Passereile,"

Respondendo... ou uma anecdotilla uma vez por outra

Senhor Emexis:

Após algum tempo do senhor desatar a escrever para o Jornal «Defesa de Espinho», não sei bem porque, ou talvez pela maneira do senhor relatar determinados factos, o que é certo, é que umas pequenas minhas visinhas, pretendem a viva força que seja eu o Emexis.

Muito embora eu não me importe com isso, gostava qualquer coisa, no sentido das referidas senhoras não julgarem que sou eu.

Agradecendo etc.

ALGARVIO.

Palavra de honra, que se o meu caro leitor não é um grande humorista, tem pelo menos uma geiteira muito especial para isso e a propósito do seu pedido e até mesmo do seu pseudónimo de ALGARVIO, vou contar-lhe uma anecdota, que comporta já em si, o modelo da resposta adequada ao seu caso.

Narramos. Entre as barras de Faro e Olhão (ndo sei se conhece), existe uma porção de mar, ao qual os seus patricios dão o nome de Praça Larga.

Pois bem. Nessa Praça Larga, remavam num bote de pequenas dimensões, pai e filho, cada qual puxando pelo seu remo, o melhor que podia e sabia. Se bem que fosse da íntima obrigação do filho, remar com mais acerto e mais força que o pai, o que é certo, é que o barco cedia muito mais facilmente ao impulso do velho, dando origem a que algumas vézas o barco desse uma volta sobre si, ficando como era de praver, no mesmo sitio.

O bom do velho, escamado em toda a excepção da palavra, já tinha feito diversas inectivas ao filho, chegando a um ponto de não terem em muito boas relações, não só quanto ao estado de nervos, como até da palavrada...

À página tantas, o pai vendo que o filho além de não fazer caso das admoestações, não mostrava grande vontade de puxar pelo «estardulho», volta-se para ele em atitude irada e carregando muito o sobrecenho objectivo!

—Rêma dahí mô... filho dum burro!

—Filho dum burro é você—ripostou o filho todo agastado e largando o remo acto contínuo—

O pai, em face de tal falta de respeito e melindrado na sua superioridade de antecessão, pega num cacete que trazia a bordo, levantou-o em atitude ameaçadora, na direcção da cabeça do filho desobediente e rugiu—

—O quê? Quem é qu'ê filho dum burro?...

—Sou eu mê pai...!

—Ah!... julgai qu'era eu—desabafou o velhote pousando o cacete pacificamente.

—E lá continuaram a remar os dois em boa paz, com as consciências devidamente tranquilas, por terem chegado a um acôrdo, quanto a acusação que mutuamente se imputaram!

EMEXIS

Para os sinistrados do mar

O sr. José Rodrigues Trindade, proprietário da importante fábrica de lanifícios de Tortozendo, nosso prezado assitante e dedicado frequentador de Espinho, enviou-nos 6 esplendidos vestidos de fazenda para distribuirmos por outras tantas crianças das mais necessitadas victimas da última investida do mar.

Sensibilizados, como Espinhenses, com a generosa oferta, daqui enviamos ao sr. Rodrigues Trindade os agradecimentos das beneficiadas cujos nomes publicaremos no próximo numero deste jornal.

Bem haja.

Agradecimento

A família de Joaquim Máximo Gomes dos Santos agradece por este meio a todos os pessoas que se dignaram acompanhar o funeral do extinto e bem assim às que em vida do mesmo o favoreceram com o seu auxilio.

A todas, muito obrigadas.

Espinho, 29 de Outubro de 1943.

Guarda-Livros

Prezisa-se em casa comercial. Cartã a esta Redacção, com o título em epigrafe.

Sociedade GENTE DO MAR

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos:

Amanhã, 1 de Novembro, a menina Zita, filha do sr. Joaquim Oliveira Figueiredo, ausente em Lisboa;

—em 2, a sr.^a D. Maria do Céu Carvalho Brandão, esposa do sr. Lino Brandão, ausente em Matozinhos, o menino Joaquim, filho do sr. Joaquim Moreira da Costa Júnior, os srs. António Moreira da Costa Soares, António de Castro Lacerda e José Alves Dias, de Oleiros;

—em 3, as sr.^{as} D. Ana Pereira Mourão e D. Sofia Rodrigues da Silva, os srs. António Correia, José da Cruz G. Boavida, e o menino Juro Ramiro, filho do sr. Júlio Mateiro, ausente em O. de Azemeis;

—em 5, a sr.^a D. Maria Valente Martins Abreu Pereira, esposa do sr. António Pereira, e o sr. Manuel Alves Dias, ausente no Rio de Janeiro;

—em 6, o sr. Dr. Augusto Braga de Castro Soares, as sr.^{as} D. Laura Ferreira Alves Carvalho e D. Alda Pinto Pais, esposa do sr. António Ferreira Pinto, o sr. Mário dos Santos Ramos e a menina Albertina Vieira de Sá, filha da sr.^a D. Adélia Vieira de Sá, de Paramos.

As anomalias da C. P.

Persistência antipática

Continuam as anomalias da C. P., que se-cifram insoluveis (!!!) tanto nos assuntos complexos, de demorada solução, como nos de facil composição, onde talvez baste a atenção do chefe e pessoal da estação local, para esses pequenos assuntos. Note-se, que esses erros, apesar da facilidade de resolvê-los, têm para o público urgência. Assim, á chegada dos comboios da tarde, sempre repletos, existe somente uma cancela aberta e essa mesmo semi-aberta para poupar outro empregado que ficaria «vis-a-vis» ao colega, e que facilitaria o desengarramento dos passageiros. Mas isso não bastava. É absolutamente necessário que as cancelas sejam abertas, para que se não percam dez minutos e mais na saída, para que em tempo de chuva não sejamos obrigados a passar a gatos-pingados, sujeitos ás doenças que sempre acompanham tais acontecimentos. Haja coêrência e cumpra-se, o que o público, tão sacrificado na hora presente, tão justamente tem direito.

Para descongestionar a aglomeração de passageiros junto ao alpendre da gare do lado nascente, onde os passageiros têm de se comprimir numa estreita faixa de menos de dois metros, geralmente atravauçada de mercadorias, é absolutamente necessário abrir uma cancela ao norte e outra ao sul do referido alpendre, para evitar a passagem torçada e morosa do grosso dos passageiros em tao estreita e incomoda faixa.

Hora oficial

Por determinação do sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações, os relógios oficiais foram ontem ás 24 horas, novamente atrizados em 60 minutos, voltando-se assim á hora normal.

CASAS compram-se

de qualquer preço, mesino hipotecadas, devolutas ou occupadas, para os nesses clientes compradores collocarem os seus capitães. Agência Novart.

—Dão-se informações — Rua 16 N.º 400.

EDUARDO COELHO

Especial para a «Defesa de Espinho»,

Por LUIS BARRADAS (Almedina)

Sobe-se a calçada da Glória. Lá em cima, fica, em um dos mais deslumbradores miradoiros desta catita Lisboa, o jardim de S. Pedro de Alcântara. E aqui, no recanto mais belo e mais pitoresco do parque, ergue-se o monumento a Eduardo Coelho.

Lisboa devia-lhe a homenagem e cumpria com honra o seu dever.

Eduardo Coelho foi o fundador do «Diário de Notícias».

Correspondeu essa obra á iniciativa em Portugal da leitura barata—da leitura para todos.

Para todos? E os analfabetos? Nesse tempo defendia-se o ponto-de-vista segundo o qual a leitura deveria estender-se aos que *sabiam ler* e aos que *sabiam ouvir*. Único recurso para um país de grande maioria analfabética.

Eduardo Coelho defendeu essa teoria, e concorreu quanto pôde para a pôr em prática.

Sebravam-lhe qualidades para fazerem uête jornalista um benemérito das Letras.

Era inteligente, era activo e era trabalhador.

Certo é que não morreu pobre. Mas isso serve para demonstrar quanto a sua actividade foi produtiva e compensadora. De mais á sua fortuna—assevera um jornalista do seu tempo—«estava longe de provocar severas anotações. Era legítima; era bem merecida».

Foi um homem, extraordinário, sem ser um original. Era harmónico em seus sentimentos e em suas canseiras.

Foi sempre amigo dos que com êle trabalharam nos periodos áridos. Nunca os esqueceu. Contava camaradas nos seus assalariados.

Os operários de baixa condição social mereciam-lhe igual estima a votada a todos, porque a única condição que impunha ao admiti-los, era a da honestidade.

Vestia com simplicidade. Exprimia-se com simplicidade. E quando podia ralhár, não ralhava: aconselhava, moralisava.

Os imbecis de natureza, os parvoideis ingénuos, acolhia-os êle com comiserção, sem uma palavra afrontosa.

E só não tolerava os mal-intencionados, dos quais, ainda assim, se atastava sem um comentário que pudesse ofender.

O «Diário de Notícias», criou-o êle como jornal inteiramente popular, «fôlha de informação e de instrução modesta e ao alcance das inteligências por igual modestas».

Politiquice e intrigalhada de baixo-porte, não na quiz êle no seu jornal, e também combateu quanto pode os abusos de publicidade.

Era comedido e avisado, «pois que muito conhecia a bella sociedade com que lutara».

Os bejuadores batiam a fracca porta. Eduardo Coelho conhecia-os, pressentia-os e, quando adregava de ser homenageado, colhia das homenagens apenas o que ellas continham de justo e de nobremente sincero. Acolhia com benevolência todos os queixumes.

Não uava trabalho aos que lho podiam, só quando não lo tinha para dar.

Os pobresinhos tinham nele um pai de bondade. Mas a mão esquerda nunca chegou a ver o que êle dava com a ureita.

Era amigo—e amigo verdadeiro—mas amigo do seu amigo.

Era comum aos seus lábios, o sorriso que incisivamente, definia os seus sentimentos e as reacções que recebia do exterior.

Sê não acreditava, no mentiroso, aiorava-lhe aos lábios o sorriso do scepticismo.

No desgosto, vinha-lhe o sorriso da conformidade.

Conheciam-lhe o sorriso da bondade, aberto e franco, os subordinados e os intelizes que lhe imploravam auxilios.

Com razão o definiu um escritor do tempo, chamando-lhe «um homem de bem e de forte intelligencia, consciente do seu justo valor».

Por isso, Lisboa devia-lhe, e devia-lhe bem a homenagem, que cumpriu com honra, erigindo-lhe aquele monumento que se ergue no recanto mais bello e mais pitoresco do deslumbrador miradoiro de S. Pedro de Alcântara!

Lisboa, Outubro 1943.

O Chico da neta era o moço mais valente da «comp.nha» do mestre Arruda, naquelle coida que se avista desde a praia da Aguda até Paramos nenhum outro se lhe igualava.

Oh Ti Zê, aquilo eque é um homel—dizia embeveido o Ti Manuel Chirão, o sogro, ao pai da Emelinda, ao mesmo tempo que entornava um copito de aguardente na loja da Ti Maria Zagala.

Lá bom moço era!—afirmava a Ti Maria que sentada detraz do balcão ouvia a conversa.

E amigo da minha Emelinda!—continuava o sogro. Ah! se não fosse aquêle maldito do inverno que os tinha para ali parados, vocês haviam de vêr como o Chico já tinha comprado um cordão para a mulher mesmo igual aos que usam os lidaigos.

O inverno fôra mau!—concordava o Ti Zê que, embrulhado num Varino, enchia pacientemente o cachimbo e a conversa caía sempre no mesmo.

Se êste ano não fôr melhor, não sei aonde a gente vai parár!—acudia a Ti Ana que viera buscar meio kilo de borôa.

Ida dois meses que a «Compauha» não ia ao mar e já a Ti Rosa pusera no «prego» o último farrapo. O Chico andava triste, nasceira ao pé do mar e eêdo as suas mãos se habituaram á dureza dos remos, sofria por se vêr ao alto, sem fazer nada e os seus a passarem mal.

Ahl!—se fôssem todos como eu, há muito que a «Companha» tinha saído!—ouvira-lhe a Emelinda dizer quando á hora da coia os dois se juntavam na intimidade do seu lar.

Não desanimel!—replicava-lhe ela:— a Nossa Senhora d'Ajuda vela por nós. Ao ser avisado que a Compauha ia ao mar, o Chico nem queira acrescitar e foi cheio de alegria que madrugada alta se levantou. O mar estava sereno, nem uma onda, os homens cheios de confiança remavam, o Arrais a ré com as mãos fazia gestos ritimando o movimento dos remos e quando depois de lançadas as rédes, perto da linha dos vapores, o barco regressava a terra, todos traziam o coração a vibrar de contentamênto.

...Sem qu' ninguém o previsse, no céu nuvens negras se avolumaram.

En rapapel!—depressa antes que o mar se ponha bravo!—gritara o mestre Arruda. E o mar traíçoero como que precebendo o aviso levantara grandes ondas que vinham quebrar junto á embarcação.

Num momento uma multidão se juntou na Praia e aiucinda gritava ao vêr aquêle punhado de homens que corajosamente lutava contra a fúria do mar. As mulheres ac joelhos com as mãos postas erguias ao céu imploravam á Virgem Santíssima.

No mar os remos cortavam a água com mais força e êle desesperado por não poder vencer uma luta leal, vinna a espuma de raiva morder as pedras da areia.

Um momento mais e estavam salvos!—exclamava, alguém e os corações suspensos numa ansiedade louca esperavam.

No mar os homens exaustos continuavam a lutar, um suor quente caia-lhes na cara, o dorso nũ dobrara-se acompanhando o movimento dos braços que enregelados pela dôr se colavam aos remos, mestre Arruda de pé corajosamente comandava a manobra. O mar rugia como uma fera diante da vítima imuefesa.

E naquêle instante supremo que a onda grande quebrando junto do barco o voltou, um grilo medonho se ouviu em terra... cabêtos em desalinho, faces bannadas em lágrimas, as mulheres continuavam a implorar á Virgem.

E quando os cadaveres fôram arrojados á Praia, a Emelinda doida de uôr, a rir ás gargalhadas, não reconheceu o marido, o Chico da Neta, o moço mais valente da «Companha» do Mestre Arruda.

Camarate, 17-10-1943.

Artur Pereira Bartolo.

Noite de S. Martinho

A noite de S. Martinho não se limitará este ano nesta Vila á habitual festa no Grande Casino de Espinho, que nos últimos anos atingiu grande brilhantismo.

—No Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Espinho também na noite de 13 de Novembro se festejará ruidosamente o S. Martinho para o que está sendo organizado um atraente sarau e baile de cujo programma constat

Variações á guitarra e viola, Desato de cantigas, Fados, Monólogos, Degarrara, Tangos.

A noite de S. Martinho, nos Bombeiros V. de Espinho é organizada pelas comissões de festas desta corporação e do Centro Gil Vicente, e deve constituir uma diversão animada.

NÃO COMPREM

um rádio, sem ouvir os novos modelos de 1943




Duas marcas de confiança
Duas maravilhas da técnica moderna
EM EXPOSIÇÃO NA
Alfaiataria Lacerda
Secção de Rádio
Reparações em aparelhos de rádio de todas as marcas.—Amplificações sonoras
ORÇAMENTOS GRATIS

Fundo Nacional do Abono de Família
Guias de pagamento relativas a horas extraordinárias.—Fornece a Tipografia Espinhense.—Rua 83—N.º 480.

FOSFORA PORTUGUESA
Todos os espinhenses devem preferir os seus fósforos PORQUE SÃO OS MELHORES

Aliança

VIDA DESPORTIVA

Introito... para uma justificação

Quando, interessados pelo desporto, não desejamos entrar de maneira efectiva, fizemo-lo pela pena de escrever... e não, ainda, pelos pontapés na bola. Fomos durante alguns anos correspondente, desta terra onde nascemos, dum semanário desportivo nordestino.

Hoje, passados quasi duzia e meia de anos, cansados do desporto, com disposição de espirito inverso ao que nos animava naqueles bons tempos, pessoa amiga, que nos acompanhou, durante muito tempo, nos momentos agradaveis e dificeis da minha qualidade de dirigente, e sempre o «vimos» a nosso lado, pede-nos para voltar ao principio... pela tal caneta de escrever?!

Se os «extremos se tocam» desta vez o toque deve ser agradável...

Isto é o introito... e a tal justificação, para os que a quizerem entender.

Espinho—Oliveirense

Domingo passado o Sporting foi a Oliveira de Azeiteis realizar mais uma jornada do campeonato distrital.

De todos deve ser conhecido que o encontro terminou a um empate de uma bola, com o «Espinho» em vencedor no final—final inesquecível!—dos primeiros 45 minutos.

Má tarde do grupo de Espinho, muita desorientação, sem razão que tal justifique, se é possível admitir desorientação num grupo de futebol, por mais adverso que possa ser o resultado.

O grupo de Espinho podia ter vencido, como, anáz, podia ter perdido, mas, em apreciação global dos 90 minutos de jogo, se tivesse de ser ditado um vencedor, ele seria o indicado, porque, de facto, teve mais ocasiões de realização que o adversário.

Apreciando, individualmente, o comportamento do grupo espinhense, temos a notar:

Jones, sem duvida o melhor, esteve sempre bem, sem eu pa no goal sofrido, sendo de chamar a atenção do orientador técnico que se torna necessário corrigir as suas defesas nas bolas altas. Segurando, essas bolas, á altura do peito, portanto, á altura da cabeça do adversário, sugella-se a um desgosto.

E é lá á acontecendo na 1.ª parte. Maganhão, muito regular, dentro daquela regularidade a que nos habituou. Alexandre, foi o utessa que já conhecemos, sempre o mesmo bom defensor. Foi pena aquela mudança, na 2.ª parte, para a frente. Bem sabemos o que o levou a isso, mas aqui vai um conselho. Não tente novamente, pois essas coisas, geralmente, só dão certo uma vez na vida e... não nos apague da memória uma tarde que deve ser das coisas mais lindas, feitas por um jogador espinhense. Compreende?

David, muito fraco, como muito fraco esteve o Vivas. Bem sabemos que são tardes más, que só não aparecem a quem não vai para o rectângulo. Gil, o melhor dos médios. Quanto á linha atacante, não sabemos por onde começar! Foram tantas as mudanças...

Mas, vamos vêr se toca a vez a todos.

Aires, deu-a falta de treinos, e pouca atenção ao jogo. Aqueles livres do Gil, na 1.ª parte, que lóram ter ao lugar onde devia estar... Esteve mal a extremo, centrando mal, e ao centro, não chegou; praticamente, a jogar. Ribeiro, muita energia, e nada mais. Olimpio Reis, não é um avançado centro. Preocupação única de marcar goals, entregando muitas vezes jogo que se podia converter, se passasse aos colegas melhor colocados para o fim desejado. No final de encontro, se não tem a preocupação de ser êle a marcar, só com um defesa na sua frente e o guarda-redes, donde era impossível atingir a baliza, com o Alexandre e Angelo sóinhos, se lhes tem passado a bola... talvez o Espinho regressasse com o ponto que lá perdeu. Estará na convicção de que lá se é bom jogador, marcando «goals»? Um grupo e constituido por 11 jogadores, e todos dão o seu esforço para o mesmo fim.

Olimpio Costa, uma primeira parte muita boa, e uma segunda muito fraca. Angelo, com altos e baixos, e ao final teve uma bola nos pés, com o guarda-redes saído, que se tem passado a bola, em lugar de querer marcar...

E' o caso do Olimpio Reis. Enfim, uma tarde má do Sporting, a peor desta temporada. Domingo passado tivemos a impressão de vêr, pelos montes de La-Sallete, um rebanho... perdido do seu pastor...

Domingos Oliveira.

Espinho—Lamas

E' hoje—se á terceira vez é de vez—que se deve realizar, em Lamas, ás 15 horas officiais, o encontro de futebol, incluindo na 1.ª volta do campeonato distrital, entre o Sporting de Espinho e o União de Lamas.

Do entusiasmo que este jogo está despertando, e da sua importância para a classificação, tudo que acrescentassemos... scita infimo. Oxalá os rapazes da nossa terra saibam ser briosos...

Sporting Club de Espinho

A sede desta colectividade que esteve encerrada durante a época balnear, reabre hoje, o que se torna do conhecimento aos seus associados.

Defesa de Espinho Sociedade

Os preços das assinaturas

De tal modo se tem agravado de ha um tempo para cá as despesas de um jornal, que se torna impossível aquêles que não contam com subsídios certos e suficientes manterem-se sem aumentar o preço das assinaturas e dos anuncios.

Quanto a nós, de ha bastante tempo que as circunstancias nos vêm impondo um aumento ao preço das assinaturas, pois, além das despesas forçadas, «Defesa de Espinho» sente-se, por vezes impelida para iniciativas de caracter bairrista-colectivo que, sendo para interesse geral da população local ou para o bom nome de Espinho, as despesas apenas são suportadas pelo bolso do director e proprietário, visto que o jornal não tem fundos.

No ano corrente, essas iniciativas custaram-nos mais de milhar e meio de escudos sem que qualquer entidade ou pessoa concorresse com um centavo sequer, para as respectivas despesas.

E' certo que ninguém nos mandou meter nelas; tomámo-las, espontaneamente, impelidos pelo nosso sentimento bairrista, e a ninguém pedimos auxilio pelo que de ninguém nos temos a queixar.

Isto é apenas uma simples alusão que não seria necessária para justificar a necessidade de aumentar a receita do jornal.

São consequencias da inter-pretação que damos á nossa missão em prol dos interesses desta terra. Mas para que o jornal exista é necessário que obtenha o indispensável equilibrio orçamental.

Para tentarmos obtêr lo somos forçados, por agora, a aumentar o preço da assinatura em 1 escudo cada semestre, aumento de veras suave que demonstra a nossa preocupação em não agravar muito o orçamento dos nossos respeitaveis assinantes.

Para melhor orientação destes e boa regularidade dos nossos serviços administrativos, acertaremos todas as assinaturas, com excepção das anuais, que são pagas de uma só vez, pelo ano civil.

Assim, enviaremos brevemente á cobrança, não os recibos de um semestre ou trimestre completo, mas sim das publicações desde o começo do trimestre ou semestre em curso até 31 de Dezembro, ou seja desde o n.º 598 ao n.º 613.

Sem nenhum prejuizo para os srs. assinantes, ficará assim a cobrança mais comprehensível para todos, e a partir de 1944, começará o periodo das assinaturas a regular-se pelo ano civil, o que esperamos mereça a concordância de todos.

Café Nicola

A' venda no Café Chinês»

Partidas, chegadas, etc.

Foi transferido para a base de aeronautica de Espinho, o tenente de engenheiro sr. dr. António Nunes das Neves, illustre director do Colégio de S. Luis, desta Vila.

—Regressou de Lisboa onde esteve a fazer serviço no Parque Automovel Militar, o nosso prezado secretário da Redacção sr. Hígino Pires.

Duques

Já se encontra quasi restabelecido da doença de que foi acometido, o nosso prezado confrater e assinante em Matozinhos sr. António Rodrigues Serrano.

—No Hospital da Ordem do Carmo do Pôrto, sofreu na passada terça-feira uma melindrosa operação cirúrgica, o nosso prezado colaborador sr. Mário Martins de Almeida.

Foi operador o sr. Dr. Oscar Moreno, e é seu médico assistente o Sr. Dr. Cândido Lago, que lhe tem dispensado os maiores cuidados.

Desejamos-lhe o mais completo restabelecimento.

—Na Casa de Saúde de Espinho também foi submetida a uma alta intervenção cirúrgica, que decorreu com êxito, a sra. D. Maria Teresa Neves, esposa do sr. Júlio Neves, distinto funcionário colonial e sobrinha do nosso prezado amigo sr. Henrique Teixeira Brandão.

—Tem estado doente a sra. D. Margarida Soares Dias, sogra do nosso amigo sr. Artur Dias Cruz.

—A todas desejamos pronto restabelecimento.

Agradecimento

Madalia Braga Dias e seus pais, vêm por este meio, patentear o seu maior reconhecimento a todas as pessoas que, por motivo da operação cirúrgica a que a primeira se sujeitou na modelar Casa de Saúde de Espinho, lhe testemunharam a sua amizade indo visitá-la ou interessando-se pelo seu estado de saúde.

Igualmente desejam patentear o seu agradecimento ao illustre e proficiente médico-cirurgião e Director da Casa de Saúde, Ex.mo Sr. Eoutor Gomes de Almeida, a distinta médica assistente, Ex.ma Sr.ª Dr.ª D. Cândida Tender, e ao também distinto clinico Ex.mo Sr. Dr. Pinto Valente, pelo carinho com que a trataram quer na operação quer posteriormente, fazendo juiz á sua eterna gratidão.

Não podem esquecer também as atenções da Ex.ma Espôsa do sr. Dr. Gomes de Almeida, e de todo o pessoal da Casa de Saúde, especializando as carinhosas e dedicadas enfermeiras.

A todos se confessam muito e muito reconhecidos.

Espinho, 30 de Outubro de 1943.

AGRADECIMENTO

Mary Day e sua mãe agradecem muito reconhecidas a todas as pessoas que tiveram a bondade de acompanhar seu pai e marido á sua última morada.

Jornais velhos

Grandes e pequenos—vendem-se—Falar nesta Redacção.

Correspondências

De Silvalde

FINADOS

Dia de Finados! Sobem ao Céu mais preces rezadas com fervorosa devoção.

Carinhosamente dispostas, as flores exibem uma beleza fria, triste, uma beleza morta,—como que se lhes tivesse comunicado a Dor e a Saúdade que envolvem os sepulcros.

A multidão anónima enche os cemitérios em rotação silenciosa. Filhos, pais, irmãos, amigos, todos ali vão atraídos pelo mysterio impenetravel da Morte.

E' tradição que não morre. Os Mortos mandam!

Para os que têm o peito cheio de ilu-ões, alimentadas pelo calor da mocidade, o dia dos Mortos não devia existir porque não o vivem. Mas para quem sofre, quem passa a vida com o pensamento concentrado nos seus mortos queridos, inconformado ainda com o «nunca mais», quem já vai a desejar o misterioso monte da Existência, deixando pelos espinhos as ilu-ões esfarrapadas, para êsses o Dia de Fieis Defuntos é o dia próprio para a expansão do seu espirito triste e melancólico.

Dia consagrado aos Mortos! Dia de Recordações.

Reco dam-se cenas vividas de amor e de ternura, momentos de alegria triunfal originada por quem jaz inerte no sepulcro, e aos nossos lábios afiora o desejo de acalentar a boca gelada e para sempre emudecida, e as nossas mãos ambicionam acariciar e aquecer as mãos amigas que para sempre repousam geladas sobre o arcoíbo de um peito vasto.

Nunca mais!... Que amargura!

E a Saúdade cinge-nos mais o coração e a nossa alma sente o que se não pode traduzir!

Sim. Nunca mais! Emmudeceu para sempre a voz amiga que nos suavizava as agruras da vida, extinguiu-se para sempre a luz de um olhar meigo que nos iluminava a alma enchendo-a de Esperança, gelaram para sempre as mãos generosas e fortes que nos emparavam meiguamente...

Que de recordações amargas o Dia de Finados traz a quem tem alguém muito querido para lá dum punhado de terra fria!

Carteira

Encontra-se doente a menina Maria Alves Pereira da Rocha, interessante filha do nosso assinante sr. Augusto Alves Pereira da Rocha.—C.

Caneta Pelikan

Deixou-se por esquecimento na estação do Correo desta Vila. Fede-se quem o encontrar o favor de a entregar na mesma Estação.

Terreno em Espinho

Compra-se. Indicar local, medição, confrontações e preço. Carta a esta Redacção com a indicação Terreno.

HELENA LOPES GUERRA

«Modista com diploma corte lue»

Executa todos os modelos dos mais modernos figurinos com a máxima perfeição e rapidez.

Lições de corte e confecção

Rua 18 N.º 227 «Ao Passeio Alegre»

Fernando Ferreira Soares

Advogado
Escrítório na Praça Camões—FEIRA
Residência em Nogueira da Regedoura

TIPOGRAFIA ESPINHENSE

DE
BENJAMIM DA COSTA DIAS

Facturas, envelopes, cartões comerciais, de visita e de luto, mapas, livros, jornais e todos os trabalhos tipográficos.

Rua 33, 486 — ESPINHO
—TIPOS MODERNÍSSIMOS—
Execução perfeita

GRANDE HOTEL DE ESPINHO

Um dos melhores das praias portuguesas
Fernando Lago & C.ª

ZARCOL

O melhor produto até hoje conhecido, contra o Caruncho, ou qualquer insecto destruidor das madeiras.

O proprio Estado faz encomendas de 600 litros de cada vez. Mesmo madeiras com principios de destruição, uma vez pintadas com Zarcol, ficam como novas.

Peçam informações ao distribuidor exclusivo

Ernesto Pereira de Oliveira

Telefone 93

ESPINHO



Esta rapariga Inglesa tem 17 anos, trabalhava numa fábrica de calçado, e agora é fogueira em grandes officinas onde tem a seu cargo as caldeiras que consomem, cada uma, 5 a 6 toneladas de carvão por semana. E' ella que fragmenta todo esse carvão, que o mete na fornalha que limpa as caldeiras e merece os melhores louvores da Direcção.

Pinho & Ferreira

ARMAZEM DE MERCEARIA
Azeites, Toucinhos,
Farinhas e Cereais
Rua 18 n.ºs 883 a 887
Rua 27 n.ºs 45 a 47
TELEFONE, 53—ESPINHO

COLÉGIO DA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

PARA MENINAS

Internas, Semi-internas e externas

AVENIDA 24 — TELEFONE 303—**ESPINHO**

Henrique Balona

Armazem de Vinhos,
Aguardentes e Azeitona
por junto.
Especialidade em vinhos
de pasto as melhores
procedências
Materiais de Construção
Rua 18 N.º 1077—Espinho
TELEF. 69

PADARIA CENTRAL

Sociedade Industrial de
Padarias de Espinho, L.

Especialidade em pão sem fermento artificial — pão sistema espanhol tosta azeda e biscoito tipo «Valongo». Fabrico esmerado pelos mais modernos e higienicos processos. A padaria mais higienica de Espinho. As melhores instalações no género, no norte do Pais.

Angulo das ruas 14 e 23

DUARTE & C.ª

RUA 19—445 a 451—**ESPINHO**
ARMAZEM DE VIVERES
Secções de venda ao público em Espinho e Vila Nova de Gaia
(Largo dos Aviadores)
TELEFONES) Espinho—16
Gaia—3771
SABOARIA ATLANTICA

PADARIA E CONFEITARIA MODELAR

(A casa mais elegante de Espinho neste género)
MATOS & IRMÃO
996, Rua 18, 957—**ESPINHO**
Especial fabrico de pão de tôdas as qualidades, farinha da mais fina. Secção de pastelaria, fogaças e caldinhos.
Doces e biscoitos para chá
Especialidade em pão sem fermento artificial. Entrada livre.
ACEIO E HIGIENE
Distribuição ao domicilio
Filiais em Estarreja e Paços de Brandão

METALURGICA DE ESPINHO

Abel de Oliveira, Martins & C.ª L.ª
Garagem: R. 18 Oficina: R. 37—Telef. 4
ESPINHO

Construção e reparação de tôdas as máquinas industriais e agrícolas. Frezagem de rodas de engrenagem e variados trabalhos cruzados e rectificados. Agentes de Oleos e Gazolina da «Atlantic» e «Shell», e de pneus e câmaras de ar «Fisk» Montagem e reparação de automóveis, motores de explosão Diesel e semi-Diesel.

Ladinho & Couto

Mercearia, Cereais, Azeites
*
ARMAZENISTAS
Armazens e escritório:
Angulo das Ruas 18 e 25
TELEF. 52
—**ESPINHO**—

Bonança

A mais antiga Companhia Portuguesa de Seguros
Aquele que mais garantias oferecee
—Aos melhores prémios do mercado—
AGENTES
José M. da Silva & Sobrinha Suc.
Rua 19 N.º 281—Telefone—11
Correspondentes Bancários
Depositários de Tabacos e Fósforos

Fábrica Progresso

MANUEL FRANCISCO DA SILVA & C.ª L.ª
Esmaltagem, alumínio, Fundição,
Serralheria e Niquelagem—Execução perfeita e garantida
TELF. 27 — **ESPINHO**

Armazem de Mercearia, azeites
farinhas e cereais

MARIO FORTUNA COUTO

Depósito de
Açúcar, Toucinho e Gorduras
Telefone, 303—Espinho
Rua 9 n.ºs 433 a 447
ESPINHO

Manuel Augusto de Castro

Confeitaria e frutas Especialidade em bolo de Aranca
Fabrico especial de doces e «Bolos de Espinho»
pão de ló de 1.ª e 2.ª qualidade e Bolo de S. Bernardo.
DEPÓSITO: RUA 19—N.º 196

CONFEITARIA IDEAL

Avenida 8 — (Em frente à estação de Espinho-Praia)
Telefone, 64 — **ESPINHO**
sucursal e depósito dos afamados bolos da Casa Saneiro, de Oleiros, fornecedora há 25 anos das principais casas de Lisboa e Porto.
Premiada na Exp. do Palácio de Cristal em 1933.
Casa especial em chás finos, primoroso serviço de chá, café, leite e cacau.
Sede em Oleiros—Tel. 20—P. B.

Estima, Valente & C.ª

Fábrica a Vapor de Serraçoão
—:— e Caixotaria :—:—
Especialidade em caixas para embalagem de fgo
—Apiladas e mercadas—
Telefone—**ESPINHO**, 78—Telegrams—ESTIVALESTE
ESPINHO

José Tavares d'Oliveira

CASA FUNDADA EM 1920
VINHOS DE PASTO
Telefone n.º 82
Rua 16 n.º 1023 **ESPINHO**

FABRICA DE GUARDA-SOIS DE ESPINHO

M. P. Moreira
Rua 19, 400 a 406 — **ESPINHO**
TELEFONE, 31
Grande sortido de guarda-sois e sombrinhas. Guarda-sois grandes para Praia Campo e Bar.
Depósito das Gabardines «MILORD» e «ELVIMAR», impermeáveis para senhora—Grande novidade.

V a g o

Armazem de Mercearia

V.ª de Joaquim Cardoso de Sá
Societário da Saboaria Atlantica
Cereais, Semeas, Farinha,
::: Toucinho e Azeite :::
RUA DESSSEIS, 791 a 796
Telefone N.º 26
Espinho

Serraçoão a vapor da Ponte de Anta
DE
Francisco Rodrigues de Castro & Filhos, L.ª
Soalhos; torros aparelhados, madeiras para construção civil e caixotaria
TELEFONE, 67—E
—**ESPINHO**—

Louçaria Guerreiro

ARTIGOS DE NOVIDADE
Porcelanas, Faianças, Vidros, Cristais, Biblots, Garrações, Estatuaia artistica, Cofres, Fogões, Camas, Lavatórios, Talheres, Metais, Ferras de engomar, Candeleros electricos.
Telef. 365 Pegado ao Teatro Aliança
Rua 19 n.º 365 Rua 16 n.º 540
ESPINHO

Ao «Pont Chic»

DE — Elias Pereira Tavares
Bebidas finas e diversas especialidades
Fiambre, presunto, paio, e queijos das melhores procedências
Angulo das Ruas 8 e 19
O PONTO MAIS CENTRAL DE **ESPINHO**

Ferreira Alves, Limitada

CASA FUNDADA EM 1900
Vinhos, Azeites, Cereais, Farinhas, Semeas, Legumes e Gorduras
Géneros de Mercearia
TELEGRAMAS: «AZEITE»
TELEFONE: 7 — **ESPINHO**.
Correspondentes Bancários
Agentes da Companhia de Seguros Legal & General Assurance Society, Limitada
ESPINHO

Padaria Mecânica

“A Pérola de Espinho”
DE **FARIA & IRMÃO**
Especialidade em pão sem fermento artificial. Pão francês, de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higienico pelos mais modernos maquinismos. A Higienidade é a divisa da Padaria «PEROLA». — Entrada livre. Rua 16—281
Telefone 84—Espinho.

Pensão do Porto

de José Monteiro de Lima
Avenida Oito-esquina da Rua 25—Espinho.
Esplêndida mesa e bons quartos. Pensões permanentes refeições avulsas. Preços módicos.
Jornais Velhos
Grandes e pequenos—Vendem-se—Falar nesta Redacção.

COLEGIO DE S. LUIS

(Filial do Colégio dos Carvalhos)

Avenida 8—Telefone 60

Praia de Espinho

Curso geral e complementar dos Liceus (1.º 2.º 3.º ciclos) e admissão ás Universidades, instrução primária e curso comercial
O Colégio mais frequentado do Distrito de Aveiro e que maior numero de aprovações obteve nos exames oficiais

Tabacaria ROMEU

TABACOS e LOTERIAS
Perfumarias e Bijonterias

Artigos fotograficos e papelaria
Goules graduados e para o sol
Candeleros e material eléctrico
Officina de reparações em T. S. F.
Rua 19 N.ºs 297 a 301 — **ESPINHO**

V A G O

CAFÉ MODERNO

Rua 19 e Largo da Graciosa—O ponto mais central de Espino
Confortável sala de chá. O Lote de café servido á máquina e vendido, a peso, revulsa com os melhores.
Pequenos almoços primorosamente servidos.
Secção de tabacos nacionais e estrangeiros.
Confortável Bar montado nas Caves
Leitão assado, mariscos, bons vinhos, etc.

Padaria Primorosa

DE — AFONSO FERREIRA GAIO
Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho
ESMÉRO E ASSEIO
Rua 14, 863—Espinho

A. TRINDADE, Sucr.

Armazens de Ferro, Aços, Carvão de Forja e outros artigos
Agente depositario de material «SUSACITE»
880, AVENIDA 8, 888
Caixa Postal n.º 4 TELEFONE, 39
ESPINHO

Mannheimer, v. s.

Companhia de Seguros
Fundada em 1879
Capital e reservas moeda Portuguesa
sa excedem 165 milhões de escudos
Seguros contra todos os riscos e em todas as modalidades
AGENTE EM **ESPINHO**
PERFEITO PRATA
Telefone 337

PADARIA FERREIRA

Manuel Nunes da Silva & C.ª
Pão de tôdas as qualidades, fabricado pelos processos técnicos e higienicos mais modernos.
Especialidade em pão com fermento natural
Todos os dias as delicias «Vienas d'Austria»
Sede: Rua 19, N.º 245—Filial Rua 92, N.º 691—**ESPINHO**

V A G O

TIPOGRAFIA ESPINHENSE

DE
BENJAMIM DA COSTA DIAS
Executam-se todos os trabalhos tipográficos com esmero e prontidão.
Facturas, cartões, envelopes, recibos, talões, relatórios, mapas, livros, etc.
A maior variedade em tipos modernos
Rua 33—N.º 486—(próximo da Rua 20)